

A night photograph of a densely packed favela on a hillside. The buildings are multi-storied and built closely together, with some featuring colorful facades in shades of red, yellow, and blue. A street sign is visible on the left side of the image. The overall scene is illuminated by streetlights, creating a warm, golden glow against the dark night sky.

MOSTRA

**LADO B
DA FAVELA**

FILMES E DEBATES



15 A 28 FEVEREIRO

**WWW.MAM.RIO/CINEMATECA/
MOSTRA-LADO-B-DA-FAVELA**



Lado B da Favela é uma proposta de apresentação de filmes e debates com uma diversidade de narrativas em torno dos territórios das favelas do Rio de Janeiro, com títulos filmados entre os anos 1962 e 2020, realizados por diretorxs e coletivos cujas trajetórias estão ligadas a essas comunidades, seja como lugar de moradia e vivência ou como objeto de pesquisa, afeto e militância.

A (re)existência da favela carioca está historicamente ligada à falta de políticas públicas habitacionais no Rio de Janeiro. É reflexo da marginalização de uma parcela da população excluída de projetos urbanísticos de séculos anteriores - uma situação que hoje é ampliada pelos processos de gentrificação, e conseqüente remoção e desapropriação, que servem aos interesses dos governos e grandes empresários.

Os moradores das favelas, em sua diversidade e pluralidade, apresentam por outro lado um histórico sentido de organização, na maioria das vezes em torno de comunidades negras e de imigrantes nordestinos, em busca de direitos básicos, muitas vezes negados a estas populações. Eles resistem a governos que os silenciam ou oprimem cotidianamente, com intervenções militares, brutalidade policial ou mesmo negligenciando acesso a direitos básicos (como educação e saúde). Resistem à "opinião publicada" dos grandes jornais, que tratam esses territórios como cenários de guerra. Resistem à desinformação estratégica que grupos ultra conservadores espalham nas redes sociais. Resistem a muitos discursos que felizmente não conseguem conter a dinâmica dos atores culturais e políticos destes quilombos modernos.

Inicialmente, esta mostra foi pensada com narrativas que oferecessem um contraponto à abordagem de filmes como Cidade de Deus (2002) e Tropa de Elite (2007), cujas narrativas se concentram na relação dos moradores com o tráfico de drogas e na violência policial. Estes dois filmes, realizados dentro de uma estrutura de cinema industrial, ampliaram a curiosidade de espectadores do Brasil e do mundo sobre a realidade das favelas cariocas, por outro lado reduziram em seu subtexto as possibilidades de vida e a potência criativa das favelas a um discurso que reafirma o estereótipo da população marginalizada e violenta e a favela como local "não civilizado" e anárquico. Os filmes reunidos nesta mostra não buscam esgotar uma filmografia alternativa sobre as favelas do Rio de Janeiro nas últimas seis décadas, nem representam necessariamente os melhores filmes brasileiros sobre as favelas. São antes um recorte ou fragmento, com obras audiovisuais realizadas em décadas e condições de produção diversas. De certa forma, estes filmes acenam para uma pluralidade e uma alteridade entre realizadores e personagens, para a sabedoria das organizações comunitárias que se reúnem em torno de uma pertença cultural (do jongo ao funk, dos terreiros de samba às batalhas do passinho), e para os indivíduos e associações de moradores que seguem em luta, mesmo diante da violência e desinteresse do estado e da sociedade pelas vidas negras e pobres (de bens materiais) que habitam estas comunidades.

Chico Serra

Curador da Mostra Lado B da Favela

"Meu amor pela escola começou não sei bem quando. Mas acho que antes de ter sido criada, com minha chegada no morro. Manguieira escola e Manguieira morro pra mim é a mesma coisa" *

Depois da vida na cidade, no Catete e em Laranjeiras, onde a diversidade da gente logo se traduziu para ele, filho de operário, negro, em crua prova da realidade e das desigualdades entre os homens - a vida da Manguieira teve o fascínio do sentimento de liberdade que o morro lhe trouxe. Lá, pelo menos, a luta pela sobrevivência e pelo prazer aproximava as pessoas, embora os pactos de solidariedade estivessem ainda se esboçando. O menino (Cartola) sentiu assim aquela coisa de muito preto junto, de gente do Norte, com cara meio de índio, sem falar nos galegos. Uma coisa nova estava acontecendo, pioneira, que ajudava cada um nas mudanças bruscas, nas violências. Lá, apesar das diferenças, não havia coisa que distinguiu as pessoas, algo que ele, criança, não saberia explicar (...) Uma sensação estranha, mas que por tempos lhe fez vontade de nunca mais sair dali.

(...)

Com a dispersão ocasionada pela abolição, haviam terminado praticamente os grupos de nação no meio negro no Rio, com a exceção dos baianos. Eram negros que vinham do Nordeste, da zona das minas, das plantações de café falidas no Vale do São Francisco, para o Rio, cidade - capital, signo da esperança de liberdade e de melhores condições de vida no país em transformação.

Homens de diversas partes da África, muitos deles afastados de suas tradições pela tirania da escravatura. Nisso os baianos levavam vantagem, fortemente agrupados em torno de suas casas de santo e de seus ranchos. Gente que se misturou com trabalhadores livres vindos da colônia, brancos, caboclos, mulatos, e com os imigrantes portugueses, italianos, espanhóis, inicialmente no Centro, nos bairros portuários, depois em moradias que compraram na Zona Norte em volta das estações de trem suburbano, e nas favelas, que do Morro da Conceição se espalharam pela cidade.

Moura, Roberto. Cartola - Todo tempo que eu viver.

Rio de Janeiro: Corisco Edições, 1988, p.22 -23.

* Depoimento Cartola, "Quero morrer na Mangueira",
A Notícia, 25/05/1973



SAÚDE DO FUTURO

Para Cadu Barcellos e Arthur Waite De Castelli

Vai ter ESPOCC! – Nos últimos anos em que participei, esse era o slogan de divulgação da Escola Popular de Comunicação Crítica – a ESPOCC, iniciativa do Observatório de Favelas que consistia basicamente no desafio de formar 60 jovens moradores de favelas e periferias da região metropolitana do Rio de Janeiro em cursos de audiovisual e cultura digital.

Desafio por vários fatores, mas principalmente àqueles causados pela falta de grana e limitações financeiras de modo geral; muitos já trabalhando ou tocando seus estudos, o que reduz a disponibilidade de tempo para outros voos; dificuldades para bancar o transporte, alimentação, material didático; limitações e riscos de circulação na cidade, sempre tendo que estar atento a operações policiais, confrontos, grupos civis armados. Sem falar nas amarras simbólicas que atrelam a condição socioeconômica a determinadas profissões e ofícios, não havendo muitas oportunidades para um jovem favelado sonhar e se tornar fotógrafo, web designer, cineasta...

No entanto, nesse sentido, nos primeiros dez anos pelo menos em que trabalhei no Observatório de Favelas, entre 2006 e 2016, por aí, auge do governo Lula, primeiro mandato da Dilma, tudo parecia possível. Ou menos complicado. O Brasil seguia de vento em popa, com geração de empregos, programas de transferência de renda, condições econômicas estáveis favorecendo o

crescimento e o consumo de bens e serviços. E, no nosso caso, houve, em certa medida, um redimensionamento do pensamento político de governo, com a criação de um ministério específico ampliando e potencializando as políticas públicas de Cultura, tomando-as como estratégicas, estruturantes.

Eu trabalhava na área de Direitos Humanos e Segurança Pública e sentia também no meu campo de atuação o bom momento, ainda que tímido, com a criação de dispositivos governamentais mais prestigiados na estrutura de governo e o financiamento de importantes programas, projetos e iniciativas voltados para a defesa e promoção dos direitos humanos.

No dia a dia, a formação desses jovens abrangia uma série de atividades presenciais na sede da instituição localizada no Parque Maré, uma das 16 comunidades que compõem o conjunto de favelas da Maré. Havia inicialmente, junto com algumas disciplinas mais técnicas, por assim, dizer, um bloco de formação social e política com a discussão de temas como a história e representações sociais das favelas, processo de redemocratização brasileiro, movimentos sociais, racismo estrutural, gênero, cidadania, direitos humanos, políticas públicas, dentre outros. E era aí que eu me encaixava, participando da formação de turmas da ESPOCC e dos demais cursos oferecidos pela organização.

Era bonito de ver aquele lugar cheio de gente, cheio de vida, energia e entusiasmo, a cada turma que passava por ali, como um ritornelo vibrante de sonhos e luta.

No primeiro dia se realizava uma aula inaugural, com a intenção de dar as boas-vindas às novas turmas e alunos. Desde cedo a instituição amanhecia em polvorosa. Arruma daqui, acerta ali, imprime isso, prepara o lanche, arruma o salgadinho, instala o equipamento, som, testando, testa de novo, arruma cadeira, pendura banner, vai ter cerveja ou não vai? Vai! Claro!

Dia de visitas variadas, professores, gestores de organizações parceiras, convidados, equipes de outros projetos, gente que estava passando, resolveu entrar pra ver qual é e foi ficando, gente de outras turmas a fim de matar a saudade. A festa de formatura também era bacana, mas em certo sentido eu preferia a aula inaugural, de ver os alunos selecionados chegando meio acanhados, outros mais extrovertidos já trocando ideia com a galera. Todo mundo ali com um brilho quase infantil no olhar, misto de encanto e frio na barriga, deslumbre e compromisso.

Essa iniciativa, junto com diversos outros cursos, projetos, escolas existentes então, além obviamente de investimentos concretos via editais e outras formas de captação de recursos e fomento, a meu ver, modularam a produção audiovisual brasileira sobre as favelas, periferias e espaços populares em geral, não somente no Rio de Janeiro, como também em diversas outras capitais e regiões metropolitanas do país. Enriquecendo-a. Potencializando-a.

Em muitos aspectos, a participação cada vez mais presente, potente e vigorosa de pessoas oriundas de favelas e periferias atrás das câmeras reconfigurou as vozes, a poesia, os planos, cadências, ritmos e narrativas. Talvez menos do que ainda pode e deve ser, com formas e intensidades desiguais entre as diversas regiões do país, umas mais, outras menos, mas é inegável esse movimento e incidência.

Na própria programação da **Mostra Lado B da Favela**, podemos perceber ou forjar um caminho nesse sentido, onde a produção mais recente traz esse viés e pessoas que participaram desse processo amplo de formação e inserção no mercado desses profissionais, seja como professor, aluno, aluno e depois professor e depois companheiro de trabalho. Enfim, existe ali a marca desse tempo que aqui procurei celebrar com certa nostalgia, carinho e esperança.

Não a nostalgia de um tempo idílico que não volta mais, mas a saudade de um ambiente político e cultural que estimulava e proporcionava essa transformação. Saudade sobretudo do que pode ser feito novamente, ainda que de modo diferente.

Celebro aqui nesse texto, portanto, a saudade daquele tempo, daquela rapaziada, das tretas, mancadas, sobressaltos e reviravoltas. Saudade boa, com sentimento de dever cumprido e alegria por saber que a história está viva, sendo escrita a todo o tempo e ainda se desenrola concretamente nas trajetórias profissionais e pessoais desses jovens, já nem mais tão jovens assim, em seus trabalhos, sonhos, desafios e lutas.

Saudade do futuro tão presente naqueles corações e mentes, transbordando pelos olhos, poros e vozes que ainda hoje lutam para narrar suas próprias histórias, quer seja com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça ou com um pé na porta da caretece, escancarando-a pra passar o bonde e ampliar o rolê mais e mais e mais e mais – ainda!

Rodrigo Bodão

Poeta, psicólogo e educador





TV MORRINHO

CRIATIVIDADE EM ESTADO PURO

(Fragmento)

A TV Morrinho não era originalmente um projeto orientado para a produção de cinema e vídeo, mas a pura expressão criativa de um grupo de jovens que se tornou uma escultura, depois uma série de filmes absolutamente curiosos, e já começa a produzir música, através do MC Maiquinho. A base da TV Morrinho é a pura e simples criatividade dos jovens habitantes do morro do Pereirão.

Por fim, saliento a forma livre, bem humorada e singela com que os jovens artistas da TV Morrinho reproduzem as situações cotidianas nos filmes. Não seria exagero dizer, extrapolando até o sentido educativo do projeto, que os filmes da TV Morrinho são dignos de nota não somente por seu caráter social, mas também por uma dimensão estética que escapa brilhantemente à mera (e usual) reprodução do cinema americano e da tevê. Aparentemente preocupados em reencenar situações

reais, os filmes da TV Morrinho realizam saltos sofisticados e surpreendem. Exemplo de que não estou nem exagerando, nem sendo benevolente, é o enredo do genial “A Revolta dos Bonecos”, no qual os bonecos utilizados, insatisfeitos com o trabalho árduo e irritados com as viagens da turma para Veneza, promovem uma revolta contra seus próprios inventores. Este alto grau de metalinguagem apenas confirma e atesta o grande diferencial da TV Morrinho: por lá, arte e vida estão absolutamente misturadas, uma alimentando a outra, uma tornando a outra possível, mais criativa, produtiva e, sobretudo, divertida.

* Texto originalmente escrito para o catálogo da exposição Projeto Morrinho, na Caixa Cultural, Rio de Janeiro, 2007

Bernardo Oliveira

Professor de filosofia da Faculdade de Educação UFRJ, crítico musical e pesquisador



DO HELICÓPTERO

“As leis são as declarações proferidas em uma assembleia de escravos e várias outras formas de rebotalho humano, que poderiam ser completamente desconsiderados não fosse o fato de possuírem força física” (Platão 489c apud Latour 2001:24)

O helicóptero que apresentamos aqui não é só um veículo que transporta coisas e pessoas. Ele é criador de um mundo.

No cotidiano da vida prática, é escolhido para obter velocidade e visibilidade em áreas chamadas de difícil acesso, por terra ou desconhecidas por mapas oficiais. Pela polícia também é usado estrategicamente em incursões nas favelas, pois quem está nele é capaz tanto de coordenar os esforços das tropas no solo, com orientações táticas, como de intervir diretamente na ação por meio da utilização de armas de precisão. Já para a imprensa, flagrantes podem ser narrados ao vivo, sem que as pessoas que estão na rua saibam exatamente que estão sendo gravadas.

O Helicóptero, portanto, está posicionado no alto, opera de maneira estratégica e produz um efeito discursivo. Os três planos - localização, método e efeito de sentido - compõem a ideia de um dispositivo de poder, que se configura eficaz no processo de desumanização dos favelados, pois eles se tornam pessoas-alvos nas operações policiais. A desumanização é um dos efeitos, decorrente do mundo criado pelo helicóptero. Ela é

construída a partir desses três planos que orientam o dispositivo, ou seja, discursos racistas localizados no alto da hierarquia social, que se utilizam do método objetivo de construção da verdade e que produzem um efeito de sentido: um mundo (no singular) “real” no qual é plausível o extermínio de pessoas em incursões policiais. No dia-a-dia, isso se traduz em imagens jornalísticas que mostram “bandidos armados” na TV, que são utilizadas pela governança como justificativa para a morte de favelados.

As perspectivas não são pontos de vistas sobre o mesmo objeto “favela”, elas são criadoras de mundos. Elas são universos paralelos. Não nos cabe aqui sermos “imparciais” ou tentar dar espaço para os dois “pontos de vistas”, o do alto e o de baixo. Não se trata disso, falamos das perspectivas do helicóptero estando abaixo dele - na favela -, mas falando sobre ele, ao seu respeito. Essas perspectivas são duas, pois a primeira perspectiva contém o mundo criado a partir de um dispositivo de poder que possui uma visão divina. A segunda é a perspectiva dos observadores que estão na favela, favelados que olham para cima e avistam o helicóptero em acima de suas cabeças.

Quando ele passa por cima e o avistamos, estamos andando de bicicleta em nossas ruas.

Manaíra Carneiro

Cineasta

FILMES E DEBATES



PEDREIRA DE SÃO DIOGO, de Leon Hirszman. Produção CPC / UNE. 1962, 18min.

Homens trabalham numa pedreira na beira de um morro onde fica uma favela, da qual são moradores. A encosta é explodida, avançando ao terreno próximo dos barracos. Os favelados são avisados de que novas explosões podem causar danos. A comunidade resolve se colocar na encosta, impossibilitando nova explosão; sem atitude, o encarregado desiste de explodir o morro.

NOSSA ESCOLA DE SAMBA, de Manuel Gimenez. Produção Thomaz Farkas. 1965, 29min.

A escola de Samba Unidos de Vila Isabel entra na avenida no carnaval de 1965. Por meio de texto construído a partir de declarações de um dos fundadores da escola, Antônio Fernandes da Silveira, o China, é possível conhecer um pouco da vida de alguns moradores do morro do Pau da Bandeira no Rio de Janeiro. A preparação para o carnaval: a pesquisa para o tema, a construção dos carros alegóricos, os ensaios, o sambarenredo.

CHEGA DE DEMANDA / CARTOLA, de Roberto Moura. Produção Corisco Filmes. 1973, 10min.

Documentário abordando o compositor Cartola e as transformações ocorridas no morro carioca e no samba, durante sua vida. Fundador da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, Cartola tem sua vida e sua música marcadas por sua comunidade e por sua Escola, distantes da cidade. Sua escola, criada como centro lúdico e expressional do mangueirense, agora se tornou ponto de atração turística. Isso possibilitou trabalho aos habitantes do morro, mas transformou o espírito do samba e sua estética.

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DE GUARARAPES, de Sergio Peo. Produção Corcina. 1978-79, 11min.

O movimento dos moradores da favela de Guararapes que, em busca de soluções para problemas de saneamento e urbanização da área ocupada, cotizam-se para aquisição do terreno. Uma tentativa pioneira na história das favelas brasileiras.

ANICETO DO IMPÉRIO EM DIA DE ALFORRIA...?, de Zózimo Bulbul. Produção Cine TV Audiovisual Ltda. 1981, 10min.

Aniceto do Império, compositor e fundador da Escola de Samba Império Serrano, no Rio de Janeiro, fala de sua intensa produção musical - jongo, samba de roda antigo, entre outros gêneros -, inspirada nos escravos do século XVII, e de suas lutas sindicais como estivador do cais do porto. Apresentação do sambista no show 'Seis e Meia', do Teatro João Caetano.

FALA MANGUEIRA, de Frederico Confalonieri. Produção Corcina. 1983, 51min.

A influência que o carnaval exerce sobre o cotidiano do morro, acompanhando a fabricação dos carnavais de 1981 e 1982, entrevistando vários moradores que contam a história de mais de meio século de existência da favela e ressaltando sua importância comunitária e cultural, ao som dos mais belos sambas compostos sobre a Mangueira

SANTO FORTE, de Eduardo Coutinho. Produção CECIP. 1999, 80min.

Em 5 de outubro de 1997 uma equipe de cinema entra na favela Vila Parque da Cidade, situada na Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. Os moradores assistem à missa celebrada pelo Papa na Aterro do Flamengo. Em dezembro, a equipe volta à favela para descobrir como seus moradores vivem a experiência religiosa. Católicos, umbandistas ou evangélicos, todos eles têm em comum a crença numa comunicação direta com o mundo sobrenatural através da intevenção, em seu cotidiano, de santos, orixás, guias, ou do Espírito Santo.

MINA DE FÉ, de Luciana Bezerra. Produção Nós do Morro. 2004, 15min.

Silvana, primeira-dama do morro e mulher de Maninho, dono do tráfico local e figura carismática, vive um conflito permanente: o medo de que Maninho seja morto a qualquer instante. O conflito ganha mais força quando Silvana descobre que está grávida, quebrando o acordo de nunca terem filhos.

TIA EULÁLIA, IMPÉRIO DO DIVINO, de Erik Oliveira, Alexandre Contador e Rodrigo Ponichi. Produção Plano Geral. 2006, 73min.

A vida da Tia Eulália, fundadora e sócia número um do Império Serrano e o fatos importantes dos últimos três anos da sambista, que faleceu em 2005 aos 95 anos: o último desfile dela pelo Império Serrano, em 2004, as procissões de São Jorge, as rodas de Jongô, e, além disso, depoimentos emocionantes dos familiares e de grandes personalidades da escola de samba.

PICOLÉ, PINTINHO E PIPA, de Gustavo Melo. Produção Nós do Morro. 2006, 16min.

A chegada do carro do troca-troca no morro sempre desperta a curiosidade de todos, principalmente das crianças. A troca de sucatas por picolé, pintinho ou pipa precisa ser rápida. O carro só visita o morro uma vez por mês e ele sobe até o pico e depois desce, indo embora de vez.

O SACI NO MORRINHO, de Renato Dias, Cirilan Oliveira, Fabio Gavião. Produção TV Morrinho. 2006, 4min.

Claudinho é um menino do Morrinho que está triste porque todo dia Oduvaldo rouba seus doces, mas tudo muda quando ele encontra o Saci-Pererê.

A REVOLTA DOS BONECOS, de Renato Dias. Produção TV Morrinho. 2007, 6min.

Bonecos-Lego iniciam uma revolta no Morrinho com o objetivo de conseguir viajar para a Bienal de Veneza, acompanhando os artistas do Morrinho.

TEMPO DE CRIANÇA, de Wagner Novais. Produção Cinema Petisco Produções e Cidadela. 2010, 12min.

Uma construção poeticamente dramática sobre o cotidiano de uma menina que tem que ser grande quando a mãe não está em casa.

PROIBIDÃO, de Ludmila Curi e Guilherme Arruda. Produção Lumia Filmes. 2012, 13min.

Proibidão encontra no MC Smith um retrato do universo do funk proibido – gênero musical banido da grande mídia, mas, como diz o protagonista do filme, conhecido na boca do povão. As letras falam em armas, gangues e violência, e o curta procura mostrar como esses elementos fazem parte da rotina nas favelas e periferias do Rio de Janeiro.

A BATALHA DO PASSINHO - O FILME, Emílio Domingos. Produção Osmose Filmes. 2013, 73min.

O estilo de dança que cresceu nas favelas do Rio de Janeiro, o passinho tornou-se uma nova forma de dançar o funk carioca. Quando o vídeo de Beizola e seus amigos, 'Passinho Foda' atingiu o número de 4 milhões de acessos no Youtube, os passinhos de Beizola começaram a serem reproduzidos nos bailes das comunidades. O documentário mostra a vida dos dançarinos e as proporções que o fenômeno atingiu, que se expande para além dos bailes, favelas e DJs.

CIDADE DE DEUS - 10 ANOS DEPOIS, Cavi Borges e Luciano Vidigal. Produção Cavideo. 2013, 68min.

Investiga o destino dos atores que participaram do filme Cidade de Deus para descobrir o que mudou em suas vidas, profissional e pessoal, nesta última década. A ideia é mostrar as transformações vividas por estes atores, através de seus conflitos e realizações, em consequência da exposição e sucesso mundial do filme.

MORRO DOS PRAZERES, de Maria Augusta Ramos, Produção No Foco Filmes, Keydocs, VPRO TV, Maria Augusta Ramos, Janneke Doolgaard. 2013, 90min.

"Morro dos Prazeres" é uma crônica documental sobre o dia-a-dia de uma comunidade do Rio de Janeiro um ano depois da instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). O filme observa o processo de pacificação a partir do ponto de vista de seus personagens: de um lado, os moradores da comunidade, que experimentam uma nova rotina a partir da instalação da UPP, e de outro, os policiais, que representam a presença da lei em um espaço até então marcado por sua ausência. Depois de anos de uma história marcada pelo abandono público e pela agressão policial, Morro dos Prazeres testemunha os esforços para o estabelecimento de um diálogo entre sociedade civil e Estado e os sentidos da lei para os cidadãos e para os sujeitos encarregados de fazê-la valer.

PERSPECTIVAS DO HELICÓPTERO, de Manaíra Carneiro, Mariane Martins, Victor Hugo Rodrigues e Ricardo D'Aguiar. Produção Coletivo Fluxos Urbanos. 2019, vídeo A "Da Favela", 5min., vídeo B "Do Helicóptero", 3min.

Perspectivas do Helicóptero é uma videoinstalação composto por dois vídeos em 360°, na qual os espectadores são convidados a imergir em dois universos distintos: o primeiro parte de um helicóptero - dispositivo comumente utilizado em operações policiais, já o segundo apresenta o dia a dia em uma favela carioca. A partir das duas perspectivas, a videoinstalação tensiona a distância entre os dois universos.

PROGRAMAÇÃO

FILMES

A mostra se divide 11 sessões, organizadas em 6 programas, dentro dos seguintes eixos temáticos:

Programa 1 "Enquanto se luta se samba também" (Candeia)

Narrativas sobre o samba e resistência das organizações comunitárias

Sessão 1:

Chega de Demanda / Cartola, 1973, Roberto Moura
Fala Mangueira, 1983, Frederico Confalonieri

Sessão 2:

Pedreira de São Diogo, 1962, Leon Hirszman
Nossa Escola de Samba, 1965, Manuel Giménez
Associação de Moradores de Guararapes, 1979, Sergio Peo

Sessão 3:

Aniceto do Império em Dia de Alforria...?, 1981, Zózimo Bulbul
Tia Eulália, Império do Divino, 2006, Erik Oliveira e Rodrigo Ponichi

Programa 2 Pluralidade e sincretismo religioso nas favelas

Sessão 4:

Santo Forte, 1999, Eduardo Coutinho

Programa 3 A Infância na favela

Olhares em torno do universo infantil

Sessão 5:

Picolé, pintinho e pipa, Gustavo Melo, 2008
Tempo de criança, Wagner Novais, 2010
O Saci no Morrinho, Renato Dias & TV Morrinho, 2006

Programa 4 "Na favela a poesia feito ar se alastrou"

As potências criativas descem o morro e tomam conta da cidade

Sessão 6:

As canções de amor de uma bixa velha, André Sandino, 2020
Proibidão, Ludmila Curi e Guilherme Arruda, 2008

Sessão 7:

Cidade de Deus, 10 anos depois, Cavi Borges e Luciano Vidigal, 2013

Sessão 8:

A Batalha do Passinho, Emilio Domingos, 2013

**FILME DISPONÍVEL
POR 24H NO DIA 20/02**

Programa 5 Uma guerra nada particular

Tensões e interações entre moradores, policiais e traficantes

Sessão 9:

A Revolta dos Bonecos, TV Morrinho, 2007
Mina de fé, Luciana Bezerra, 2004.

Sessão 10:

Morro dos Prazeres, Maria Augusta Ramos, 2013

**FILME DISPONÍVEL
POR 24H NO DIA 27/02**

Programa 6 Vôo sobre a favela - Perspectivas

Sessão 11:

Perspectivas do Helicóptero, Fluxos Urbanos, 2019

Assista ao vivo pelo Facebook e Youtube do MAM Rio

SÁB 20 fev 19h30

A favela não é só isso que se vê, é um pouco mais

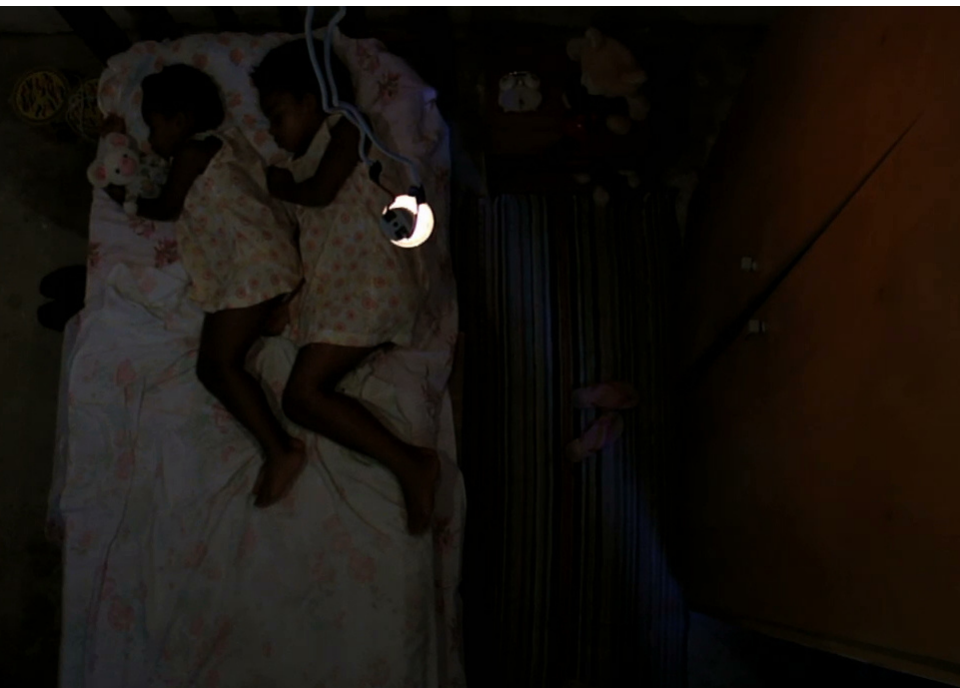
Com Gustavo Melo, Ludmila Curi, Roberto Moura, Rodrigo Ponichi e Wagner Novais.

SÁB 27 fev 19h30

Janelas da favela

Com André Sandino, Cirlan Oliveira, Luciana Bezerra e Manaíra Carneiro.

Mediação dos debates: Chico Serra



FICHA TÉCNICA

Curadoria, idealização e produção: **Chico Serra**

Programação visual:
Mariana Mansur

Agradecimentos especiais:

Todxs xs diretorxs, produtoras e instituições que cederam os filmes para esta mostra: Thomaz Farkas Estate, CECIP, CTAv, Cavídeo, Centro Afro Carioca de Cinema, Mayra Jucá, Sergio Peo, Hernani Heffner, José Quental, Tiago Ferreira (Cinemateca do MAM), Ludmila Curi, André Sandino, Fred Cardoso, Roberto Moura, Bernardo Oliveira, Rodrigo Bodão, Manaíra Carneiro, Maria Hirszman e Lucas Parente





Patrocínio

#cultura
#presente

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

Apoio



Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro



65 ANOS
CINEMATECA A.A.